

Resenha do livro:

Marsiglia, Ana Carolina Galvão. A prática Pedagógica Histórico-Crítica na educação infantil e ensino fundamental. Campinas – SP: Autores Associados, 2011.

Resenha de Juliana Gonçalves Gobbe¹

O livro: *A Prática Pedagógica Histórico-Crítica na educação infantil e ensino fundamental* foi publicado no Brasil em 2011. Dermeval Saviani que por sua vez prefaciou a obra anuncia o aporte teórico da autora quando escreve “...a pedagogia histórico-crítica caracterizou a educação como uma atividade prática mediadora no interior da prática social. Como sabemos, essa teoria pedagógica vem sendo construída por aproximações sucessivas num processo coletivo que conta com a contribuição dos vários pesquisadores e professores identificados com sua formulação original. (p.xii). Partindo-se do excerto acima fica claro que o trabalho de Ana Carolina Galvão Marsiglia é também uma valiosa contribuição para a Pedagogia Histórico- Crítica , cujo cariz filosófico nos remete aos trabalhos de Gramsci e Marx.

Ainda no prefácio da obra, Saviani faz a seguinte afirmação: O conteúdo deste livro remonta ao período em que Ana Carolina frequentou, como aluna, o curso de pedagogia da Unesp de Bauru entre 2002 e 2005. Desde aí vem se dedicando com afinco e – podemos dizer – em tempo integral à teoria e à prática da pedagogia histórico-crítica. (p.xiv). Diante da apresentação das condições circunstanciais nas quais a obra foi delineada a autora faz sua apresentação do livro contando aspectos da sua trajetória estudantil que a aproximaram da teoria histórico-crítica já na graduação com a leitura da obra Escola e Democracia de Dermeval Saviani.

Em sua apresentação Marsiglia também estrutura formalmente e caracteriza os capítulos do livro: *A Prática Pedagógica Histórico-Crítica na educação infantil e ensino fundamental*. A obra é composta por quatro capítulos cuja temática assim se distribui:

O primeiro capítulo é composto por categorias caras ao marxismo e ao estudo educacional histórico-crítico quando se atenta às questões relacionadas ao homem e ao trabalho atrelado aos aspectos da docência.

Já no início deste capítulo, Marsiglia escreve: O homem como espécie é um ser natural, isto é, é um ser composto biologicamente, mas que não está acabado, pois sua constituição depende de suas relações sociais. (p.5). Assim depreende-se uma diferenciação do homem e outras espécies animais, visto que ao primeiro é dada a condição de sociabilidade em seu convívio transformando continuamente o meio em que vive. A divisão social do trabalho quando aparta o homem daquilo que este produziu caracteriza uma condição humana norteadada pelo processo de mercantilização.

No âmbito da escola isto é claramente definido por Marsiglia dessa forma: A sociedade capitalista tem colocado a escola como mecanismo que adapta seus sujeitos à sociedade na qual estão inseridos. (p.7). Diante da observação constata-se que ao sujeito cabe articular seu cotidiano ao ideário da classe dominante pouco interessada em oferecer aos educandos uma educação sólida e norteadada pelos conhecimentos acumulados historicamente. Marsiglia aponta para o fato da educação escolar “minimizar conteúdos” num processo contribuidor da demanda neoliberal.

Outro problema que Marsiglia traz à baila é a atuação do professor em circunstâncias adversas: Os esforços em manter o trabalho pedagógico num ideário que

desvaloriza o caráter político da educação imergem o professor em práticas que, traduzindo sua alienação particular, a reproduzem em seus educandos partindo de práticas valorativas do cotidiano e que impedem a reflexão crítica e transformadora. (p.8). Desse modo, a grande demanda pela escola desde 1980 abriu vagas, mas negligenciou a qualidade, quase sempre colocando o professor em situação de culpa pelos fatos que ocorrem no interior da escola.

Sendo a escola parte concreta da sociedade, que teria como prioridade oportunizar aos educandos o acesso ao conhecimento, temos aí, segundo Marsiglia um problema, pois a escola tem sido apenas um espaço onde se reproduz a sociedade capitalista. Neste ponto, a autora faz diferenciações entre as teorias educacionais praticadas e aponta o que defende a Pedagogia Histórico-Crítica. Esta concepção rechaça a prática educativa somente centrada no cotidiano dos alunos, bem como reforça que não são satisfatórias as teorias que se apoiam no conhecimento passado ao educando de forma fragmentada, subjetiva e relativa.

No segundo capítulo a autora volta suas considerações ao “desenvolvimento infantil” trazendo aos leitores um breve relato acerca dos estágios relativos à infância preconizados por concepções soviéticas de psicologia.

Através do trabalho o homem “produz a cultura material e intelectual”. Infelizmente a apropriação do que se produz pela humanidade nem sempre acontece como deveria, o que certamente dificulta um bom processo de ensino e, conseqüentemente aprendizagem. Apoiada em Vigotski, Marsiglia aponta para o fato de muitas vezes haver uma descontinuidade na aprendizagem, pois afirma que: O educador, como um parceiro mais experiente, é aquele que faz a mediação da criança com o mundo de forma intencional, buscando as máximas possibilidades de desenvolvimento do indivíduo. (p.36). A criança deve ser estimulada em seus potenciais ao ser exposta à cultura que lhe é apresentada. Pois, para Marsiglia: Os conceitos científicos desenvolvem-se a partir da colaboração entre o adulto e a criança, e esse é um processo não natural...(p.39) Mais adiante a autora defende ...o desenvolvimento dos conceitos científicos está atrelado à mediação do professor entre os conceitos espontâneos e as formas superiores de conhecimento. (p.39). Aquilo que a autora chama de “descrição” deverá ser superada por uma complexidade de pensamento assegurando ao educando uma boa análise do real.

A partir daí Marsiglia passa a delinear os estágios infantis. O primeiro ano de vida onde o bebê comunica-se por emoções que são importantes para a apropriação da “experiência social”. Nessa interação é fundamental a boa atuação dos pais para o melhor desenvolvimento do bebê.

Marsiglia também chama a atenção neste capítulo para o fator linguagem e assim se expressa: A linguagem aparece nesse estágio (atividade objetal manipulatória) como atividade acessória, que atua não mais como exclusiva forma de comunicação, mas também como função simbólica. (p.44). Somente a partir dos dois anos é que a criança conseguirá um avanço na questão da linguagem. A fase da infância por volta dos três anos é caracterizada segundo Marsiglia por sucessivas crises, inclusive no âmbito relacional, pois a criança quer ser independente e não aceita regras que anteriormente aceitava com tranquilidade.

Na fase dos seis aos sete anos os jogos vão ter especial importância para o desenvolvimento infantil, pois de acordo com Marsiglia: Ao representar vários papéis, a criança sente-se em condição de desempenhar qualquer papel na vida real. Isso contribui em sua futura orientação profissional e exerce influência significativa no desenvolvimento

de suas capacidades. (p.46). Através do jogo a criança regula suas ações e se coloca voluntariamente em situações determinadas.

Quando passa a frequentar a escola a criança passa por uma grande mudança que implica numa prática social relevante em que seu comportamento será marcado por novas orientações.

Na adolescência outros valores emergem, a autora aponta isto nas seguintes palavras: o adolescente mostra-se caprichoso, já não se conforma com os valores, tarefas e aspirações que faziam sentido no estágio anterior e míngam o desejo de estudar e de comportar-se disciplinadamente. (p.52). Quando chega na escola este adolescente é submetido a entediante tarefa do reforço cotidiano nas práticas enfadonhas que remetem à noção imposta pela metodologia do “aprender a aprender”, gerando assim um ciclo desanimador que deixa o aluno ao largo de questões caras ao ensino através da aprendizagem dos clássicos necessários a sua formação.

No terceiro capítulo do livro, Marsiglia faz alguns apontamentos sobre a concepção de educação infantil, bem como sobre os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) e também relata um trabalho produzido com crianças em uma instituição escolar.

A concepção de assistência sempre esteve atrelada ao conceito de creche no Brasil. Na década de 70 as coisas vão aos poucos se configurando de maneiras diferentes, mas ainda sim com um forte viés de lugar onde se “enfiam” as crianças da classe trabalhadora para que se disciplinem por lá. Marsiglia aponta que: O que é encontrado nas instituições é a falta de reconhecimento global das crianças, bem como a precariedade e má qualidade do serviço, quadro de profissionais deficitário e desqualificado. (p.62). Sendo assim, a precarização é tamanha que as crianças são mal cuidadas e pouco ou nada aprendem.

No que diz respeito aos Referenciais Curriculares instituídos no Brasil em 1998, Marsiglia defende que: Os RCNEI têm caráter manualístico. Isso ocorre porque, ficando a formação do educador restrita à reflexão sobre sua própria prática, se esvazia a relação escola-sociedade (p.66). Há aí uma forte influência das políticas neoliberais que norteiam a formação do professor por pressupostos meramente individualistas e subjetivistas, escamoteando a parcela de importância dos acontecimentos sociais no processo educativo.

Marsiglia apresenta também neste capítulo uma intervenção junto a crianças de uma instituição cuja temática foi “A história do livro”. Este tema proporcionou à autora o trabalho com diversas áreas do conhecimento dentro da perspectiva da pedagogia histórico-crítica.

Os objetivos do trabalho, entre outros foi o de apresentar às crianças de forma aprofundada as características dos períodos da pré-história e civilizações antigas.

Quanto aos conteúdos priorizou-se os períodos citados acima, bem como aspectos ligados à matemática, como: contagem, relação numeral e quantidade.

Os procedimentos didático-pedagógicos nortearam por propostas de leituras, análises, escrita e jogos.

Os recursos utilizados foram vídeos, livros e materiais para a produção artística.

Importante ressaltar que segundo a autora: Todas as etapas do trabalho iniciavam com uma sessão de discussão que se desenrolava a partir da leitura de livros paradidáticos que tratam do período histórico trabalhado ou do tema da história do livro. (p.83).

Certamente essa abordagem muito contribuiu para a formação do pensamento crítico das crianças.

Citamos aqui uma pequena parte deste trabalho da autora com as crianças. Ao final do capítulo Marsiglia conclui: ...as crianças avançaram, sendo capazes de fazer a leitura da realidade de forma diferente daquela visão fragmentada e de senso comum que tinham no ponto de partida da prática educativa. (p.113).

No quarto e último capítulo da obra, Marsiglia tem como enfoque a educação no estado de São Paulo partindo-se do ano de 1983. Interessante notar que os referenciais teóricos impostos por este estado são esboçados no interior da gestão de um único partido, leiam-se PSDB.

A longa desvalorização, tanto dos estudantes como dos professores, faz-se presente em implantações de propostas, como por exemplo, o Ciclo Básico (CB) que enfatiza o construtivismo como predominante nas orientações pedagógicas desde então. Dentro desse modelo alicerçavam-se: ...flexibilidade, respeito à individualidade e às características socioculturais dos alunos (p.118). Percebe-se aí o apagamento da luta de classes no interior da escola.

Assim foi-se aos poucos esgotando-se a aquisição de um saber sistematizado historicamente em detrimento do endeusamento de pormenores individuais ligados às experiências cotidianas dos alunos. Cabe aqui ressaltar o papel fundamental da escola na transmissão dos conhecimentos.

Para Marsiglia: Na perspectiva teórica da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural, não se encontra nenhum prejuízo na escolarização. (p.121). A educação deve ser garantia para todas as crianças. E se ...a prática social é a razão de ser da prática educativa, então é inerente à pedagogia histórico-crítica que os procedimentos didático-pedagógicos se desenvolvam tendo em vista a intencional transformação da prática social. (p.138). Visa-se assim um processo educativo coadunado com o modo de produção vigente na perspectiva de transformação deste.

Marsiglia faz em suas considerações finais um reforço da questão da prática educativa que mostra ao leitor sua contribuição na construção coletiva da pedagogia histórico-crítica na busca de auxílio aos docentes em formas diferenciadas de ensinar. Isso faz da obra um instrumento valioso para os professores brasileiros que encontram-se muitas vezes carentes de uma perspectiva filosófica que atente para as reais necessidades das crianças em uma sociedade marcada pelo capital.

¹ Mestre em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).